

# UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA ARQUITETURA PRÉ-COLOMBIANA

Escrito por:

**Gabriel Nunes Pimentel**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo — Centro Universitário Teresa D'Ávila

**Eliabe Gessé de Oliveira Miranda**

Graduando em Jornalista — Centro Universitário Teresa D'Ávila

**Miguel A. de Oliveira Júnior**

Possui mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (2006), graduação em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário de Barra Mansa (2005), graduação em Comunicação Social — Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e é professor e coordenador dos cursos de Comunicação Social do Centro Universitário Teresa D'Ávila

[illegible]

The 1930s, especially called by the 17 at Hotel Powerhouse, was a time when the place. Mrs. J. A. Prende owned the hotel and was a very successful business woman with certain aptitudes, framed on the wall. The intention of the hotel was to be a valuable asset to the community.

Victor Hiss, a well-known figure in the 1930s, was a man who had been a frequent visitor to the hotel. He had been a frequent visitor to the hotel, and he had been a frequent visitor to the hotel. He had been a frequent visitor to the hotel, and he had been a frequent visitor to the hotel.

Brother Tommy, a well-known figure in the 1930s, was a man who had been a frequent visitor to the hotel. He had been a frequent visitor to the hotel, and he had been a frequent visitor to the hotel. He had been a frequent visitor to the hotel, and he had been a frequent visitor to the hotel.

September 24, 1932

# A GOLD MI

[illegible]

*[The page contains dense, illegible handwritten text, likely bleed-through from the reverse side.]*

***“Que em Yucatan há muitos edifícios de grande beleza que é a coisa mais significativa que se há descoberto nas índias, todos de cantaria muito bem lavrada sem haver nenhum gênero de metal nela que se pudesse encontrar.”***

**Landa**

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a relação entre as composições arquitetônicas encontradas em sítios arqueológicos das civilizações pré-colombianas e o desenvolvimento sociocultural dos povos originários da América. Por meio de um levantamento bibliográfico acerca de historiografias e teorias modernas das dinâmicas sociais e arquitetura, foi possível encontrar uma série de fatores que evidenciam as influências mútuas entre as edificações mesoamericanas, a ocupação do espaço geográfico desses povos e seu desenvolvimento, visto que eram civilizações muito à frente de seu tempo, tanto em relação a organização quanto em técnicas de construção civil e demais ciências.

**Palavras-Chaves:** Arquitetura. Cultura. Desenvolvimento. Antropologia.

**Abstract:** This work aims to highlight the relationship between the architectural compositions found in archaeological sites of pre-Columbian civilizations and the sociocultural development of the native peoples of America. Through a bibliographical survey about historiographies and modern theories of social dynamics and architecture, it was possible to find a series of factors that show the mutual influences between Mesoamerican buildings, the occupation of the geographic space of these peoples and their development, since they were civilizations way ahead of its time, both in terms of organization and in civil construction techniques and other sciences.

**Key words:** Architecture. Culture. Development. Anthropology.

## INTRODUÇÃO

Para que se entenda de fato o verdadeiro significado da arquitetura é necessário passar adiante de conceitos pré-estabelecidos e ir mais afundo na natureza intrínseca de toda civilização. Uma vez que o âmago da sociedade é revelado, notam-se padrões que relacionam diretamente a expressão arquitetônica-cultural ao desenvolvimento e evolução da expressão e manifestação do povo analisado.

As civilizações, antes separadas por barreiras tanto físicas quanto culturais, iniciaram suas primeiras construções com a finalidade de obter abrigo e proteção das intempéries do tempo e de animais selvagens. Entretanto, a arquitetura, mesmo que mais rudimentar em fases mais primitivas dos agrupamentos humanos, já transcendia o conceito de moradia e passava a ser um modelo de configuração de espaço para uso humano, embora essa também seja uma definição aquém do real significado que as construções possuíam para os indivíduos. (FAZIO, 2011)

Acerca da essência da arquitetura e seus significados, o arquiteto e engenheiro Vitruvius, cujas obras datam de aproximadamente 40 a.C, afirmava que há três pilares que estabelecem as funções e expressões das composições arquitetônicas, são eles> Firmitas, Utilitas e Venustas – comumente traduzidas como solidez, utilidade e beleza. Essa tríade Vitruviana estabelece uma linha guia sob a qual pode-se medir a complexidade do pensamento social coletivo das civilizações ao criar seus padrões de organização de espaços, possibilitando também uma análise antropológica a respeito dos aspectos que nortearam a formação da cultura e o desenvolvimento organizacional das civilizações. (VITRUVIO, 2007)

Antes que se possa entender as aplicações da tríade de Vitruvius nas formas e produções arquitetônicas das civilizações mesoamericanas, se faz necessário compreender os antecedentes documentais acerca do estudo destas civilizações, tanto de forma histórica quanto antropológica, visto que a arquitetura também é uma importante forma de expressão cultural. Os primeiros documentos e estudos a respeito do desenvolvimento organizacional e social das Américas ocorreram durante a conquista do território americano pelos povos Europeus, entretanto, estes registros não podem ser considerados fontes primárias de estudo para a compreensão da complexidade organizacional dos povos indígenas pré-colombianos, visto que muitos dos ensaios e registros da época possuíam um viés comparativo em relação aos modelos arquitetônicos europeus e se aprofundam pouco na funcionalidade original dos modelos criados pelos povos nativos. É certo que tais comparações ocorreriam, uma vez que havia a tendência eurocêntrica de se explicar os fenômenos ocorridos nas américas a partir dos moldes já conhecidos e amplamente divulgados na Europa.

As primeiras fontes a respeito da arquitetura mesoamericana possuem múltiplas origens e foram encontradas de maneira descentralizada

ao longo dos estudos arqueológicos posteriores ao período da conquista.

Muito além dos registros iconográficos, as próprias edificações são consideradas fontes indispensáveis para esta compreensão, além dos desenhos, esteiras, mapas e outros tipos de registros feitos em papel vegetal, couro de animais dentre outros.

É importante também salientar que estes registros não eram padronizados, tampouco sua cultura o era. Múltiplas línguas foram utilizadas para estes registros: Nahuátl, Maia, Mixteco, Chocholteco, Zapoteco, Chontal de Tabasco, entre outros idiomas. Tais textos relatavam as tradições destes povos englobando suas múltiplas facetas, como ritos religiosos, divindades, invenções e descobertas científicas, técnicas de plantio e também suas realizações arquitetônicas e urbanísticas. Em suma, os registros demonstravam de maneira quase prática como era o olhar dos primeiros povos americanos e sua interpretação do mundo que os cercava. Estes textos multidialéticos, escritos inicialmente de maneira autóctone, foram aos poucos sendo traduzidos para caracteres latinos no período pós-conquista. (FRIZZI, 2001)

## **CULTURA E ARQUITETURA: UMA EXPRESSÃO ÚNICA DE VIDA E CRENÇAS**

De todos os relatos dos quais se tem registro acerca deste período de conquista, um dos mais importantes é o de Frei Bernadino de Sahagún que em seu livro “*História General de las Cosas de la Nueva Espana*” tratou de diversos assuntos referentes ao primeiro contato dos espanhóis com os nativos do antigo México, sendo um marco para o estudo etnográfico e antropológico da época. Sahagún contou com o auxílio de aproximadamente dez nativos indígenas, que ao passo que aprendiam o latim e o espanhol, também ensinavam a cultura, língua e hábitos dos astecas, povo natural da região.

De acordo com os registros do padre espanhol, a sociedade possuía um calendário que progredia em um ano de 18 meses com 20 dias, acrescentando cinco dias nos quais nenhum deus era homenageado.

A representação dos períodos deste calendário e sua divisão em anos era feita em forma de círculo com quatro figuras: um coelho representando o sul, cana representando o oriente, pedernal representando o norte e casas representando o ocidente, como pode ser observado na figura a seguir. (SAHAGÚN, 1585)



Roda para contar os anos.  
Fonte: Duran, 1979: Lamina 34.

Este aspecto cultural e religioso evidenciado pelo relato de Sahagún norteava a atuação do povo nahuatl em todos os aspectos, tanto sociais quanto arquitetônicos e organizacionais. Logo, é evidente que a arquitetura mesoamericana neste período não pode ser compreendida de maneira isolada, mas deve passar pelo prisma do contexto social, político e religioso em que foi produzido. Os vestígios deixados pelas primeiras civilizações americanas não podem ser vistos como um conjunto de monumentos e ruínas espalhadas de maneira aleatória, mas como um sistema complexo e integrado de edifícios, praças, templos e áreas residenciais que materializam a essência de uma organização e cultura sofisticada e única. (FLORESCANO, 1999).

Entre os pontos centrais da arquitetura mesoamericana está o fator religioso, uma vez que não há distinção entre a utilidade da edificação e seu papel simbólico nas crenças exercidas pelos povos pré-colombianos em seus ritos. As pirâmides, por exemplo, exerciam múltiplas funções que variavam entre aspectos políticos, como centros administrativos e também religiosos.

Suas localizações dentro do projeto arquitetônico dessas civilizações eram pensadas para garantir que houvesse uma sinergia entre o mundo divino e o mundo físico, fato que pode ser observado por meio das pinturas e esculturas que representavam os deuses e as histórias sagradas do povo. (MANZANILLA, 2001)

A arquitetura dos primeiros americanos carregava em si a própria identidade e compreensão de unicidade enquanto povo, uma vez que as edificações não eram erigidas de maneira isolada ou individual, mas sim

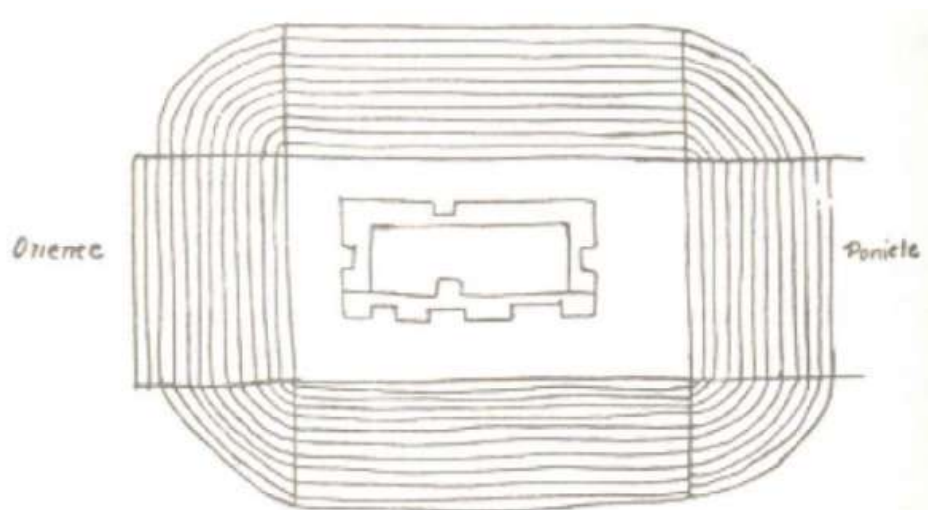
em colaboração com artesãos, mestres religiosos, arquitetos, pedreiros, carpinteiros, escultores e transportadores. Essa união entre diferentes setores da sociedade era fundamental para a produção e organização do ecossistema arquitetônico mesoamericano, que se desenvolvia em um constante processo de produção e apropriação de crenças e valores coletivos. (SMITH, 2017)

Outro registro que se apresenta como fundamental para a análise antropológica e arquitetônica das civilizações primárias da mesoamérica é a obra de Frei Diego de Landa "Relación de las Cosas de Yucatán" de 1560. Indo muito além de uma análise apenas cultural, Landa descreve os modelos das edificações de maneira detalhada e precisa para a época em que o registro foi feito.

No quinto capítulo de sua obra, intitulado como "Provincias de Yucatán - Os principais edifícios antigos" o autor aborda essas descrições:

Que em Yucatan há muitos edificios de grande beleza que é a coisa mais significativa que se há descoberto nas índias, todos de cantaria muito bem lavrada sem haver nenhum gênero de metal nela que se pudesse encontrar. (...) Que estão estes edificios muito perto uns dos outros e que são templos... e que em cada povoado lavravam um templo pelo grande aparelhamento que há de pedra e cal e certa terra branca excelente para edificios. (LANDA, 1560, cap 5, tradução nossa)

Neste mesmo capítulo, o autor também apresenta um esboço feito a partir de um desenho da conhecida pirâmide de Chichén-Itzá:



Croqui da Pirâmide de Chichén-Itzá.  
Fonte: Landa, 1560.

Já no décimo sétimo capítulo Diego de Landa esboça uma edificação residencial e nomeia algumas partes da composição da mesma, como pode-se observar:



Croqui de uma edificação.  
Fonte: Landa, 1560

## TIKAL: CULTURA E DESENVOLVIMENTO

A arquitetura mesoamericana é um testemunho da habilidade humana em projetar e construir grandes obras que, além de desempenharem funções práticas, também refletiam as crenças e visões de mundo das sociedades pré-colombianas. Entre as cidades mesoamericanas mais impressionantes está Tikal, localizada na atual Guatemala, que foi uma das maiores cidades da região durante o período clássico (cerca de 200-900 d.C.).

Caracterizada por suas imponentes pirâmides, que foram construídas ao longo de séculos e alcançavam alturas que atingiam mais de 60 metros, a composição arquitetônica de Tikal impressiona e ensina até os dias atuais. Essas pirâmides eram usadas para cerimônias religiosas e rituais, bem como para fins administrativos e políticos. A pirâmide mais alta de Tikal, a Pirâmide do Templo IV, mede 70 metros e é considerada uma das mais altas construções pré-modernas do mundo.

Além das pirâmides, a cidade possuía vários outros tipos de estruturas arquitetônicas, como palácios, praças, residências e fortificações. Essas estruturas eram construídas com pedras, madeira e outros materiais locais e eram decoradas com esculturas, inscrições e pinturas que representavam cenas da vida cotidiana e do mundo sobrenatural. Uma de suas características marcantes é a sua integração com o ambiente natural, com muitas estruturas construídas em harmonia com a paisagem e a topografia da região.

A arquitetura de Tikal também reflete a história e a evolução da sociedade maia ao longo dos séculos. As pirâmides mais antigas eram relativamente

modestas em comparação com as posteriores e refletiam uma sociedade mais igualitária e menos centralizada. À medida que a sociedade maia se tornou mais complexa e hierarquizada, as pirâmides se tornaram mais elaboradas e imponentes, refletindo o aumento do poder político e religioso da elite governante.

O estudo desses registros e fontes arquitetônicas é fundamental para entender a história e a cultura da sociedade maia e sua influência na Mesoamérica. Como destaca o arqueólogo americano William R. Coe, “a arquitetura de Tikal é uma das maiores realizações culturais da humanidade, um testemunho da habilidade e criatividade dos povos antigos que construíram e habitaram essa cidade há mais de mil anos atrás” (Coe, 1990, p. 27, tradução nossa).

Essas estruturas imponentes foram construídas usando técnicas avançadas de engenharia e arquitetura, como a utilização de pedras de diferentes tamanhos e formatos para criar paredes estáveis e a aplicação de revestimentos de estuque para proteger as construções das intempéries climáticas.

Além da engenharia avançada, a arquitetura de Tikal também reflete a cultura e as crenças religiosas dos maias. Muitas das construções eram dedicadas a divindades e rituais religiosos, com a presença de esculturas, pinturas e outros elementos artísticos que representavam essas entidades divinas. A disposição das construções também era cuidadosamente planejada de acordo com a cosmologia maia, que acreditava na interconexão entre o céu, a terra e o submundo. A arquitetura de Tikal, portanto, não era apenas uma demonstração de habilidade técnica, mas também um reflexo da complexa cultura e espiritualidade maia.

A importância da arquitetura de Tikal transcende o período em que a cidade foi habitada pelos maias. Hoje em dia, a cidade é um importante sítio arqueológico e patrimônio mundial da UNESCO, atraindo visitantes e pesquisadores de todo o mundo. O estudo da arquitetura de Tikal e de outras cidades maias é essencial para a preservação e compreensão dessas culturas antigas, bem como para o desenvolvimento da arquitetura contemporânea na Mesoamérica e em todo o mundo.

## **WALLERSTEIN E SUA APLICAÇÃO NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA: SISTEMA MUNDO MESOAMERICANO**

A teoria do sistema mundo de Wallerstein foi desenvolvida para explicar a formação e evolução do capitalismo global. No entanto, ela também tem sido aplicada na análise de outras sociedades complexas, incluindo as civilizações pré-colombianas da Mesoamérica. Segundo a teoria, um sistema mundo é composto de uma economia-mundo, um conjunto de estados e uma cultura-mundo interconectados. Na Mesoamérica, podemos identificar a criação de um sistema mundo a partir da formação de uma economia baseada na agricultura, com a produção em grande escala de produtos como milho, feijão e abóbora. Além disso, houve a formação de estados

como Teotihuacán, Monte Albán, e posteriormente os impérios asteca e maia.

De acordo com a teoria do sistema mundo, a formação de um sistema econômico-mundial implica uma hierarquia de regiões produtoras e consumidoras.

No caso da Mesoamérica, há evidências de que a região estava envolvida em um sistema de comércio a longa distância, com produtos como obsidiana, jade e plumas sendo negociados em toda a região. Como aponta o antropólogo Michael Smith, “a economia de longa distância permitiu a emergência de elites especializadas em atividades como a produção de cerâmica fina, tecidos luxuosos e objetos rituais de jade” (Smith, 2012, p. 142, tradução nossa).

A formação de um sistema mundo mesoamericano também envolveu a disseminação de ideias e práticas culturais. A arquitetura monumental, por exemplo, foi uma característica comum de muitas sociedades mesoamericanas, e a construção de grandes centros urbanos, como Teotihuacán e Tikal, é uma evidência clara de sua sofisticação e complexidade. Além disso, a escrita hieroglífica maia e a criação do calendário solar mesoamericano demonstram o desenvolvimento de sistemas de conhecimento avançados (Wolf, 1982, p. 53, tradução nossa).

No entanto, a formação de um sistema mundo mesoamericano também envolveu conflitos e desigualdades. A dominação de uma cidade-estado sobre outras, a guerra e a escravidão foram elementos comuns na história da Mesoamérica. Como aponta o historiador Claudio Lomnitz, “a dinâmica de expansão e contração, de união e separação, de conquista e resistência, caracterizou a história mesoamericana e, em particular, a história da formação e queda dos impérios asteca e maia” (Lomnitz, 2001, p. 16, tradução nossa).

Em conclusão, a teoria do sistema mundo de Wallerstein oferece uma perspectiva útil para a análise da formação e evolução das civilizações pré-colombianas da Mesoamérica. O estudo da economia-mundo, dos sistemas de conhecimento, da arquitetura e das relações de poder entre as sociedades mesoamericanas ajuda a compreender a complexidade e a diversidade dessas culturas. No entanto, é importante reconhecer que a aplicação desta teoria deve ser feita com cautela, levando em conta as particularidades e especificidades de cada sociedade. Além disso, é necessário considerar outras abordagens teóricas e metodológicas que possam complementar e enriquecer a análise.

A teoria do sistema mundo de Wallerstein também pode ser vista como uma ferramenta útil para compreender a interação e a interdependência entre as civilizações pré-colombianas da Mesoamérica e outras regiões do mundo. Como destaca o antropólogo Manuel Aguilar-Moreno, “a Mesoamérica foi um dos poucos lugares no mundo onde uma civilização indígena se desenvolveu ao mesmo tempo que outras civilizações da Eurásia e da África” (AGUILAR-MORENO, 2006, p. 6). Nesse sentido, a análise da Mesoamérica como um sistema mundo pode ajudar a entender como essas civilizações se

relacionavam e trocavam conhecimentos, ideias, tecnologias e bens materiais.

Por fim, a teoria do sistema mundo de Wallerstein pode contribuir para a compreensão das transformações e mudanças ocorridas na Mesoamérica durante a chegada dos europeus e a colonização do continente americano. Como destaca o historiador Serge Gruzinski, “a colonização europeia desencadeou uma dinâmica de globalização que transformou profundamente as sociedades americanas, mas também as sociedades européias, africanas e asiáticas” (GRUZINSKI, 2014, p. 27, tradução nossa). A análise da Mesoamérica como um sistema mundo permite entender como essas mudanças afetaram as relações de poder, as economias, as culturas e as identidades das sociedades mesoamericanas e como elas responderam a essas transformações.

## CONSIDERAÇÕES

## FINAIS

Nota-se, portanto, que a arquitetura transcende e muito o conceito de uma área apenas utilitária do conhecimento, visto que assim como a arte, a música, a comunicação e outros componentes socioculturais, ela surge como uma expressão palpável e quase perpétua da forma de pensar, viver e se organizar em meio ao espaço geográfico. Neste aspecto, as civilizações mesoamericanas representam um importante registro arquitetônico que dá luz à identidade dos primeiros povos americanos que reverbera no imaginário popular e também serve como inspiração para conjuntos arquitetônicos atuais.

Além dos fatores sociais, estas civilizações são uma prova de que a arquitetura se relaciona intrinsecamente com fatores políticos e econômicos, uma vez que se desenvolvem de maneira gradual e em conjunto. Observar como diferentes classes sociais ocupam e interagem com um mesmo espaço é a chave para entender o cerne das dinâmicas sociais de determinado povo ou civilização, podendo-se inferir que ocupar um lugar é de certa forma também se tornar o próprio lugar, na medida que o indivíduo transforma o ambiente e também se deixa transformar, por meio de hábitos, necessidades e especificidades, pelo ambiente em que está inserido.

A antropologia traz consigo um espelho por meio do qual pode-se observar o passado e seu legado para conseguir um vislumbre do futuro e também dar sentido para o presente, logo, essa herança deixada pelos povos originários da América reverbera e ecoa na atualidade.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR-MORENO, Manuel. Handbook to Life in the Aztec World. Oxford University Press, 2006.

CAMERON, Catherine M. Tikal and the Maya. In: EVANS, Susan T. (Ed.). Ancient Mexico and Central America: Archaeology and Culture History. London: Thames and Hudson, 2013. p. 163-192.

CHILDE, V. G. The urban revolution. Town Planning Review, v. 21, n. 1, p. 3-17, 1950.

COE, Michael D. The Maya. 9th ed. London: Thames and Hudson, 2011.

DOWNEY, L. The role of archaeology in the study of Mesoamerican world systems. Annual Review of Anthropology, v. 19, n. 1, p. 461-485, 1990.

FAZIO, M; MOFFETT, M; WODEHOUSE, L. A História da Arquitetura Mundial. Santana: AMGH Editora, 2011.

FRIZZI, Mariadelos Angeles Romero. "La Historia es una". In Desacatos (Revista de Antropología Social), número 07, páginas 49 a 64. México: 2001.

GARCÍA-COOK, Á.; RAMOS CASTELLANOS, J. The pre-Hispanic civilizations and the modern Mexico. Mexico City: National Autonomous University of Mexico, 2003.

GRUZINSKI, Serge. A Colonização de Imaginação: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Companhia das Letras, 2014.

LOMNITZ, Claudio. Estruturas da hegemonia: a grande cadeia da conquista. In Nativo e Nacional no Brasil: Indigenidade após a Independência, editor por Tracy Devine Guzmán, 25-43. São Paulo: Editora da Unicamp, 2016.

MANN, C. 1491: new revelations of the Americas before Columbus. New York: Vintage Books, 2005.

SAHAGÚN, Bernardino de. Historia General de las Cosas de la Nueva España. Anotações de Angel Maria Garibay. México: Editorial Porrúa, 1969.

SMITH, Michael E. The Aztecs. 3rd ed. New York: Wiley Blackwell, 2017. p. 32.

VITRÚVIO. Tratado de Arquitetura. Trad. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. O Moderno Sistema Mundial.

Vol. 1: A Agricultura Capitalista e as Origens da Economia-Mundo Europeia no Século XVI. Editora Contraponto, 2004.

WOLF, E. R. Europe and the people without history. Berkeley: University of California Press, 1982.